

O E S T A D O D E A L A G O A S

Por três vezes solitário falei sobre o Estado de Santa Catarina, em uma delas com coleção de slides representativos da vida, das realizações e da população loira ou clara de origens europeias que construíram o Estado de nossa Federação. Solitário pela ausência habitual dos companheiros, como solitário agora, não por falta de outros representantes, mas pela sua inexistência na representação de Alagoas, pelo que venho aqui rapidamente rememorar esta unidade da Federação.

Na forma arcaica de uso dos quinhentistas como Camões, Damião de Goes, Diogo do Couto, João de Barros, Gil Vicente e outros, a palavra alagoas foi sucedida por lagoas do uso hoje corrente para indicar característico do Estado do qual hoje trato. E realmente, a observação de seu solo impressiona pelo número elevado de lagoas no pequeno Estado, nas proximidades de sua orla marítima com o oceano Atlântico, e entre sua capital Maceió e o rio São Francisco que constitui a divisa sul do Estado. E as lagoas então formam encantadora e única natureza para atrair seus visitantes, dando aos alagoanos o usufruir destas belezas.

Ter o rio São Francisco, um dos grandes rios do país, como integral divisa no sul do Estado de Alagoas, em toda a sua extensão, representa uma riqueza incalculável pela possibilidade, cada vez mais aproveitável para o interesse energético, para irrigação das terras do Estado em toda a sua extensão, o que multiplica a riqueza produtiva do solo em subida vantagem.

A cachoeira de Paulo Afonso localizada logo ao entrar o rio São Francisco na divisa de Alagoas com a Bahia, deixa a totalidade das terras em condições excepcionais de aproveitamento.

A cana de açúcar e o algodão significaram fator valioso na história vivida pelo Estado. Desde tempos coloniais seus produtos acrescidos com a produção do fumo, fundamentaram a economia alagoana para seu crescimento constante.

Solo de formação amena, sem grandes acidentes, rico em terras massapés, com abundância de chuvas, tudo servido com grandes possibilidades pela gigantesca cachoeira, atraiu um realizador inigualável, Delmiro Gouveia que no sertão de Alagoas formou fazenda de criar, lançou as bases de grande indústria de linhas de coser, captando força na cachoeira de Paulo Afonso, obtendo terras devolutas, importando máquinas da Europa, para em 1914 iniciar a produção de linhas e fios de alta qualidade que conquistaram mercado nacional e estrangeiro usufruindo elevados lucros que lhe permitiu abrir quinhentos quilômetros de estradas ligando ^{Paulo} burgo industrial com várias regiões do Estado.

Esta magnífica realização de um pioneiro de grande

visão que a executou em 1914, com tanto acerto que dois anos depois, em 1916 foi obrigado promover enormes ampliações para atender mercados nacionais e estrangeiros. Era uma nova riqueza que nascia vitoriosa e triunfante e foi progressos enquanto o interesse concorrente não vinha destruí-la.

Uma companhia inglesa do mesmo ramo, sentindo a concorrência, quiz comprar a propriedade o que foi recusado por Delmiro Gouveia que reagiu indo além, importando dois mil teares para outra fábrica, agora de tecidos. Sua organização foi exemplar com casas de vila operária, completa assistência social incluindo ensino obrigatório e gratuito com cursos também noturnos. Vitoriosos demais e invencível, não poderia escapar de ser assassinado, o que se consumou em outubro de 1917. Dois anos depois seus herdeiros venderam aquele império econômico a mesma concorrente que sempre ambicionou esta compra e que feriu o Brasil tudo destruindo e lançando máquinas e materiais nas profundezas do gigantesco São Francisco! Mas o exemplo ficou e renasceria exuberante para um surto novo e progressista de enriquecimento do Estado, quando reaparecerem realizadores de capacidade criadora.

XXXXXXXXXX

Entre os filhos de Alagoas que se destacaram na vida do país, surgem logo "os sete macabeus" (eram os sete irmãos de Antioquia que, durante uma perseguição que tentou eliminar a religião judaica, foram, com a própria mãe, sacrificados). Em Alagoas a viúva Rosa Maria Paulina da Fonseca, mãe de oito homens e duas mulheres, viu sete filhos militares partindo para a guerra do Paraguai onde faleceram: em Gurupaty, Hipólito e Afonso e no combate de Itororó, Emiliano. Sendo em Itororó feridos Hermes Ernesto e Manuel Deodoro, este proclamador da República. Severiano após, foi agraciado com o título de Barão de Alagoas, Pedro Paulino não foi para a guerra pois já era reformado como tenente, ocupava cargo civil e teve a missão de zelar pela família na ausência dos irmãos. A mãe Paulina, em datas de glória para o Exército brasileiro em guerra mas com o saber da morte de seus filhos em combate, não deixava de iluminar sua casa residencial e de "arma-la com bandeiras e flores em honra da pátria".

E esta terra privilegiada teve mais filhos de destaque que na vida do país impressionando o fato de numa população pequena entre outros Estados, oferecer vultos que já no Império, calculando pelos títulos nobiliárquicos concedidos, registraram barões de Alagoas, Anadia, Imbury, Jequia, Macelo, Penedo, Traipu e Visconde de Similimbu.

O Barão de Alagoas foi um dos irmãos Fonseca de destaque em nossa história. O Barão de Penedo foi um eminente diplomata na representação brasileira que para indicar as distinções que mata

receber de governos estrangeiros eu cansaria demais os meus ouvintes. O Visconde de Sinimbu foi figura insigne na vida politico-administrativa do Imperio.

E na Republica bastaria lembrar dois nomes de maior destaque: Floriano Peixoto e Aristides da Silveira Lobo. A todos em dois regimens que tivemos ainda poderiamos acrescentar mais nomes em esteras varias do quadro politico, administrativo, scientifico, economico. E nos paulistas não podemos esquecer do presidente de nosso Estado de São Paulo, o Dr. Manuel Joaquim de Albuquerque Lima nascido em Alagoas e que se casou com a paulista tradicional Helena de Sousa Queiroz, foi presidente da Câmara Municipal de São Paulo, senador Federal por este Estado e ainda presidente de nosso Estado na primeira metade do século actual.

oooXXXXooo

E para terminar, vamos todos fazer um rápido passeio com slides obtidos de excursionista amigo que se hospedou no famoso, pelas suas belezas naturais, Hotel Jatunca. E eis o hotel (I e II), jardins e a lagoa que o separa (III) da praia e a piscina (IV), o seu caminho com passagem pela ponte (V) sobre a lagoa para o restaurante. Outro slide nos mostra ainda a lagoa, a margem do hotel e ao fundo o mar separado da lagoa por faixa de areia (VI). E temos, do hotel, uma visão da lagoa (VII).

Pela praia de Pajussara (VIII) percorrida até a proximidade do centro da capital, se encontram as lagoas que nos levam a trechos do mar com a visão que permite, pelas quinze horas, conhecer o fundo do mar, seus accidentes e peixes passeando em suas regiões aquáticas. Após seguimos para o sul por praia poluida pela industria de sal-gema, o que exigiu a prohibição dos banhos de mar neste litoral.

Entramos para o interior e vamos conhecer a cidade de Dedoro (IX) ~~XXX~~, casa onde nasceu o primeiro presidente da Republica que a proclamou, hoje museu, e admiramos uma velha igreja publica (X) que nos dizem ter sido construida por escravos e para suas devoções, e adiante mais a encantadora igreja (XI) barroca de fins do setecentismo, do convento Franciscano.

Continuando, vamos conhecer uma vila de artesanatos (XII) da redondeza (XIII) (XIV) que demonstra a habilidade da mulher alagana e mais um restaurante a beira de uma lagoa servindo camarões com manteiga salgada, chamada "manteiga de garrata" especialidade da região, camarões considerados como os melhores do Estado e os terceiros do Brasil.

Voltando para o hotel, seguimos para o Norte conhecendo a praia dos pescadores (XIV) com a estatua (XV) dentro do mar e mais adiante a ponta verde (XVI) ainda intocada pela mão malfeizora do homem que tanta beleza natural tem destruido. E mais ao Norte

CMR 2.3.8.1.49-4

visto de um elevado, duas vilas separadas pelo rio, vendo-se ao fundo (XVIII) o mar na sua "barra de Santo Antônio".

E posso dizer que este Estado com tantos belos atrativos da natureza pode vislumbrar seu brilhante futuro com terras boas, sem grandes acidentes e com o poderoso rio São Francisco que garante um risonho porvir na agricultura e na indústria do feliz, encantador e futuroso Estado de Alagoas.

Campinas, 17 de junho de 1987

Celso Maria de Mello Pupo

I. A. Celso Maria de Mello Pupo.